

FATOS DESTACADOS DA IMPRENSA
DE 26 DE MAIO A 1º DE JUNHO DE 1981
Nº 147 - CIRCULAÇÃO INTERNA



Aconteceu

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho 98 fundos 22241 Rio de Janeiro
Av. Higienópolis 983 01238 São Paulo

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

DIRETOR

Domício Pereira de Matos

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Alberto Ricardo

Letícia Cotrim

Zwinglio Mota Dias

Carlos Rodrigues Brandão

Jether Pereira Ramalho

Eliseu Lopes

Henrique Pereira Junior

Carlos Mesters

Beatriz Araújo Martins

CEDI

COORDENADOR DAS PUBLICAÇÕES
Paulo Cezar Loureiro Botas

EDITOR DO ACONTECEU
José Ricardo Ramalho

COLABORADOR NA SEÇÃO ÍNDIOS
Rubem Thomaz de Almeida

ACONTECEU

Assinatura anual: Cr\$ 300,00

Assinatura de apoio: Cr\$ 1.200,00

Remessa em cheques pagáveis no Rio
para TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

Caixa Postal 16.082

22221 - Rio de Janeiro - RJ

EVANGÉLICOS SOLIDÁRIOS COM A LUTA DOS OPERÁRIOS DA FIAT

"Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o grão. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário" (1 Timóteo 5:18). "Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos" (Tiago 5:4). "Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego" (Declaração Universal dos Direitos Humanos - Artigo 23). O direito ao trabalho, com remuneração digna e justa é um dos postulados da Bíblia. É direito fundamental pelo qual lutam as Igrejas Evangélicas desde a sua origem. Por isso nós - pertencentes às diversas tradições protestantes e inspirados nos ensinamentos da Sagrada Escritura, bem como referindo-nos à Declaração Universal dos Direitos Humanos - acompanhamos solidários a luta dos operários da Fiat do Rio de Janeiro pela garantia de seu trabalho e pela volta dos companheiros injustamente demitidos. Entendemos que sua luta tem significado mais amplo: É a luta do trabalhador brasileiro pela garantia dos recursos que lhe possibilitem sobreviver dignamente, sem ameaças de desemprego e miséria que reduza seu trabalho livre a trabalho escravo. Tem sua luta pleno conteúdo evangélico com apoio legal declarado. Nesta nossa expressão de solidariedade, apelamos às autoridades e a todo o povo para que se coloquem ao lado dos que estão tendo ameaçados seus direitos básicos de lutarem contra a fome e o desemprego. SEGUEM-SE AS ASSINATURAS DE: Rev. Paulo Ayres Mattos - Bispo da Igreja Metodista; Rev. Carlos Cunha - Presidente do Presbitério Rio/Norte - Igreja Presbiteriana do Brasil; Prof. Jether Pereira Ramalho - Igreja Evangélica Congregacional e Assessor do Centro Ecumênico de Documentação e Informação; Rev. Domício Pereira de Matos - Vice-Presidente do Presbitério Rio/Norte - Igreja Presbiteriana do Brasil; Rev. Zwinglio Motta Dias - Secretário Geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação; Rev. Mozart João de Noronha Melo - Presidente da Igreja Cristã de Confissão Reformada; Rev. Jonas Neves Rezende - Presidente do Conselho Pastoral da Igreja Cristã de Confissão Reformada; Rev. Alberico Baeske - Superintendente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - Distrito Rio de Janeiro/Espírito Santo, E DE MUITOS OUTROS PARTICIPANTES DE IGREJAS EVANGÉLICAS (PASTORES E LEIGOS). (Rio - 26/5/81)

PROPOSTA DOS GREVISTAS À FIAT DIESEL

Os 3.083 operários da Fiat Diesel, em greve há 25 dias, entregaram ontem uma proposta à direção da empresa, pela qual admitem o fim do movimento desde que sejam readmitidos 50% dos 185 trabalhadores dispensados em abril. Eles também propuseram que a empresa garanta o emprego para todos os operários por um período de um ano, em troca da produtividade e o pagamento das horas paradas. (FSP - 28/5/81)

CONFLITO NA PORTA DA FIAT FERRE 5 OPERÁRIOS

Cinco operários ficaram feridos nos conflitos ocorridos ontem pela manhã na porta da Fiat Diesel, em Xerém, RJ. Dois deles - agredidos ainda no chão - foram atendidos no hospital do Serviço de Assistência Social Evangélico. O tumulto foi provocado pelo chefe de segurança da empresa, Capitão Wilson Cerqueira, que atirou seu carro contra os trabalhadores. A Fiat negou qualquer responsabilidade dos vigilantes no conflito. Se-

Quando a versão dos operários, por volta das 5h30m, cerca de 200 metalúrgicos formavam piquetes na entrada principal da fábrica quando o carro, dirigido pelo Diretor de Administração de Pessoal, entrou em alta velocidade no pátio externo. Os operários, que faziam uma coleta para compra de café, se assustaram e correram atrás do automóvel. Quando o Capitão Wilson transpôs o portão, os seguranças da empresa saíram e agrediram os trabalhadores, alguns ainda sentados no chão. Ficaram feridos: Luiz Fernando Brandão, Antônio Carlos Francisco, Vicente Paula Martins, Rubens Ribeiro, com corte no supercílio, e Edson Ferreira, com contusões generalizadas nas pernas. (JB - 29/5/81)

METALÚRGICOS PEDEM À JUSTIÇA EXPULSÃO DE DIRETORES DA FIAT

O advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, Expedito Teixeira, entrará hoje na Justiça Federal com um pedido de expulsão do país dos diretores italianos da Fiat Diesel, em Xerém, cujos operários estão em greve há 27 dias exigindo a readmissão de 250 operários e estabilidade por um ano. O pedido será fundamentado na lei 4330, que regula o direito de greve. A greve é considerada legal pelo Tribunal Regional do Trabalho. O advogado, além de pedir a expulsão dos estrangeiros vai tentar o enquadramento dos diretores brasileiros na Lei de Segurança Nacional, sempre com o mesmo fundamento: a direção da Fiat estaria cometendo crime contra a organização do trabalho. (JB - 1/6/81)

GREVISTAS PASSAM PRIVAÇÕES EM CASA

Há quase um mês em greve, sem salários, os 3 mil operários da Fiat passam por uma situação difícil. Suas famílias têm, em média, oito a 10 membros, que dependem do salário mensal de Cr\$ 22 mil para os gastos com alimentação e saúde. Fora isso, há os compromissos, também inadmissíveis, como contas de luz, gás e impostos. No quarto andar do edifício do Sindicato dos Metalúrgicos, na Rua Ana Nery, em São Cristóvão, uma ampla sala foi transformada em sede do comando de greve dos empregados da Fiat. É lá que estão permanentemente reunidas as quatro comissões criadas no dia 1º de maio para ajudar os operários a superar seus problemas enquanto durar a greve. Até o momento, o maior apoio aos grevistas da Fiat tem vindo de São Paulo. O fundo de greve do ABC enviou Cr\$ 270 mil e orientou o comando de greve na distribuição de alimentos. A Cúria Metropolitana de São Paulo enviou Cr\$ 50 mil no início da semana. No Rio, o fundo de greve dispõe de Cr\$ 200 mil mas o maior apoio tem origem em arrecadações à porta de supermercados e associações de bairros. João Leal da Araújo, um dos 250 demitidos, informa que todo o dinheiro é transformado em alimentos. Diariamente são distribuídas oito a 10 toneladas, num sistema semelhante ao dos metalúrgicos de São Paulo, na greve do ABC. Os três mil funcionários recebem uma ficha, e a cada um é entregue uma quantidade de alimentos que varia de acordo com o número de dependentes. A sacola, distribuída diariamente, contém feijão, fubá, açúcar, café, batata, cebola, alho, leite em pó e maizena. Uma dificuldade que já foi superada, refere-se à saúde. João Leal explica que os empregados tinham a receita, mas não dispunham de dinheiro para comprar remédios. Os metalúrgicos entraram então em contato com o Sindicato dos Médicos, que mandou grande quantidade de medicamentos, para serem distribuídos aos operários, mediante apresentação de receita médica. Quando falta algum remédio, o Sindicato dos Metalúrgicos entra em contato com o dos Médicos para obter o medicamento. (JB - 1/6/81)

DA ITÁLIA AO BRASIL A DIFERENÇA É GRANDE

Não se pode comparar as condições de trabalho de um operário italiano com a de um brasileiro que preste serviço à Fiat, aqui no Brasil. Lá se

ganha 500 a 600 dólares mensais, e há um respeito absoluto ao direito de greve - disse ontem, à noite, o líder sindical Bruno Sacerdoti, que veio trazer uma contribuição de um mil dólares aos metalúrgicos de Xerém. Bruno Sacerdoti, que já esteve antes no Brasil, acompanhando outra greve em Betim (MG), acusou a Fiat - a repressão é vício dos diretores e "a empresa só é sensível à força", frisou. Na madrugada de hoje, o líder sindical italiano estará em Xerém e, às 18 horas, participará de ato público em favor dos operários brasileiros. Integrante da direção do Departamento Nacional da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos da Itália, Bruno Sacerdoti veio ao Rio de Janeiro a convite do Sindicato dos Metalúrgicos para acompanhar a greve e "prestar contas aos trabalhadores italianos do que a Fiat faz aqui". (JB - 1/6/81)

GREVE EM NITERÓI ENTRA NO NONO DIA

Os mil metalúrgicos do estaleiro Mac Laren, na Ponta da Areia, completaram ontem o nono dia de greve contra a exigência, feita pela empresa, de uso de cartões de circulação nos uniformes. Eles assinaram o ponto na sede do sindicato, porque o estaleiro está fechado desde o dia 26, e resolveram esperar pelo resultado de novas negociações, segunda-feira à tarde, na Delegacia Regional do Trabalho. Além da revogação da exigência do cartão de circulação, os operários querem, para voltar ao trabalho, que o estaleiro pague os dias parados e não puna nenhum dos grevistas. (JB - 30/5/81)

DEPUTADO DETIDO EM PORTA DE FÁBRICA EM SÃO PAULO

O deputado federal do PMDB e líder de uma chapa oposicionista nas próximas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Aurélio Peres, foi detido por alguns instantes ontem, quando fazia um pequeno comício na porta da fábrica Meridional, em Pinheiros, para divulgar a sua plataforma eleitoral e denunciar irregularidades praticadas por aquela empresa. Minutos depois de sua detenção, os policiais receberam ordens para liberar o deputado, que goza de imunidade parlamentar. Porém, as três pessoas que o acompanhavam - os metalúrgicos Sebastião Pavanelo e José Roberto dos Santos, além de Gilda Almeida de Souza - foram detidos e encaminhados ao Deops. O deputado, que não concordou com a prisão de seus colegas, decidiu acompanhá-los até o Deops, onde ficaram durante toda a tarde. (FSP - 30/5/81)

PÁRA A CONSTRUÇÃO CIVIL EM PELOTAS

A maioria dos cerca de sete mil operários da construção civil de Pelotas (RS) está em greve desde zero-hora de ontem. O presidente do comando de greve, João Martins, informou que a categoria optara pela greve, antes da negociação com a associação patronal - prevista para a tarde de hoje -, "por entender que somente dessa maneira terá melhores condições de impor suas reivindicações". Na manhã de ontem, todas as grandes obras de Pelotas estavam paralisadas, apesar da ação ostensiva de soldados da Brigada Militar, impedindo a aproximação dos piquetes de greve. Além de 15% de produtividade, os trabalhadores querem piso salarial de Cr\$ 110,00 por hora para mestre de obras, Cr\$ 100,00 para contramestre, Cr\$ 90,00 para profissionais e Cr\$ 60,00 para serventes. (ESP - 29/5/81)

DUAS CHAPAS PARA OS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO (SP)

No Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, foram registradas duas chapas que concorrerão às eleições para a nova diretoria da entidade, marcadas de 3 a 7 de agosto. A chapa 1 - apoiada pela diretoria cassada

do sindicato - é encabeçada por Jair Antonio Meneguelli (Ford). A chapa 2 tem como presidente Osmar Santos Mendonça (Oficina Mecânica Automa). (FSP - 26/5/81)

CAMINHONEIROS EM GREVE NO SUL AMEAÇAM INCENDIAR 12 MIL TONELADAS DE SOJA NA ESTRADA

Despejar e/ou incendiar 12 mil toneladas de soja na estrada, e bloquear, com os caminhões, o acesso à cidade, são as ameaças dos 800 caminhoneiros em greve em Cachoeira do Sul, caso a Central de Cooperativas de Produtores Rurais do Estado (Central Sul) não decida, hoje, começar a cumprir a tabela de fretes acordada na semana passada. Apesar da repressão policial aos piquetes, o número de caminhoneiros em greve desde o dia 28/5 duplicou de anteontem para ontem: agora, já são 2 mil motoristas parados no Estado, na terceira paralisação em 40 dias. (JB - 1/6/81)

PROSSEGUE A GREVE DOS CARRETEIROS EM SANTOS (SP)

Os carreteiros que fazem o transporte de areia para os aterros das obras governamentais na Baixada Santista e para as indústrias de Cubatão, estão em greve desde a última segunda-feira, reivindicando reajuste nas tabelas dos fretes. Os motoristas solicitam um aumento da ordem de 20% e as empreiteiras procuram estabelecer um porcentual inferior. (ESP - 28/5/81)

TERMINA A GREVE NA BAHIA

O prefeito de Salvador, anunciou ontem, ao final da tarde, o término da greve dos 4.518 professores da rede municipal que já durava 4 dias, afirmando que pelo menos 90% deles tinham voltado ao trabalho. Isso ocorreu devido às ameaças do prefeito de demitir todos aqueles que persistissem na greve até hoje, conforme fora decidido anteontem na última assembleia da categoria. O comando de greve dos professores, por seu turno, confirmou que, de fato, temendo as ameaças do prefeito, muitos professores voltaram às aulas, mas disse que o índice não ultrapassava 50%. Os que se encontram à frente do movimento manifestaram-se descontentes com a atitude do prefeito, sobretudo porque entendiam que estavam apenas "manifestando preocupações com relação à Educação que a prefeitura está oferecendo ao povo". E prometeram que as reivindicações salariais e a exigência de que o Estatuto do Magistério Público Municipal seja cumprido continuarão. (ESP - 29/5/81)

TRABALHADORES RURAIS

POSSEIROS RESISTEM A DESPEJO E MATAM PM

Cerca de 120 posseiros estão resistindo a um cerco policial iniciado anteontem na zona rural do município de Araputanga, a 400 quilômetros de Cuiabá (MT), e, segundo informações divulgadas ontem à noite, por fontes da Polícia Militar e da Secretaria de Segurança Pública, pelo menos um soldado, dos cerca de 50 enviados para a área, já morreu. Trinta deles são de Cuiabá, foram enviados para a zona de conflito pelo comandante-geral da PM de Mato Grosso, e todos estão armados de metralhadoras. Há mais três policiais feridos e outros três desaparecidos. O tiroteio entre posseiros e policiais começou anteontem, depois que o juiz da co-

marca de Cáceres concedeu uma liminar de despejo contra 128 famílias que ocupam uma área de cinco mil hectares reclamada pelo fazendeiro Garon Maia. (ESP - 30/5/81)

VICE-PREFEITO ACUSADO POR AMEAÇAR POSSEIROS

Uma comissão de três posseiros, acompanhada do Padre João Sannig, vigário cooperador e membro da Comissão Pastoral da Terra de Campo Formoso, no Interior da Bahia, esteve ontem em Salvador denunciando o vice-prefeito João José Silva, de Pindobaçu, município vizinho a Campo Formoso, de tentar expulsar 70 famílias de posseiros das terras que ocupam, em alguns casos há 50 anos. João José, segundo a denúncia, comprou a posse de uma área de quatro mil hectares da fazenda Serra do São Francisco, em Campo Formoso, a 401 quilômetros de Salvador, e agora está cercando as plantações de todos os posseiros da área. (ESP - 26/5/81)

DENUNCIADO TRABALHO ESCRAVO DE 50 MIL BRASILEIROS NO PARAGUAI

A existência de mais de 50 mil brasileiros vivendo em regime de escravidão em território paraguaio, ao longo da fronteira com o Mato Grosso do Sul, foi denunciada ontem em Itaquiraí, no Extremo Sul do Estado, pelo presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Mato Grosso do Sul - Fetagri-MS -, Pedro Ramalho. Ele lamentou que as autoridades brasileiras, embora tenham conhecimento dessa situação, ainda não tenham tomado qualquer providência para socorrer as milhares de famílias que vivem escravizadas por fazendeiros paraguaios. (ESP - 29/5/81)

ÍNDIOS

FUNAI PROTEGE FAZENDEIROS CONTRA XAVANTES

A situação dos conflitos entre índios xavantes das reservas Dom Bosco e Sangradouro, em Mato Grosso, e fazendeiros vizinhos das áreas indígenas continua estável. A Funai mantém nas áreas tumultuadas, além de seus funcionários, 45 policiais-militares para manterem a segurança dos fazendeiros, evitando, com isso, novos ataques. Ontem à tarde, o Secretário de Segurança Pública de Cuiabá disse que os jornalistas autorizados pela Funai poderão "divulgar matérias sobre os recentes conflitos surgidos entre os índios xavantes e os fazendeiros de Sangradouro, no Município de Barra do Garça. O Comandante da Polícia Militar declarou que a falta de informações e contatos com a área em conflito nos últimos dias deve-se apenas à ausência de radioamadores nas fazendas em que estão concentrados os policiais militares. E acrescentou: "Tenho mantido, porém, contatos diários, através de uma estação de radioamador, com os meus comandados e posso assegurar que a situação está tranqüila. Os policiais estão bem e encontra-se tudo em ordem", concluiu. (JB - 28/5/81)

ENGENHEIRO ACUSADO DE INCITAR XAVANTES

O engenheiro Rubens Monteiro, auxiliar de ensino e enfermeiro na aldeia Dom Bosco, na reserva de Sangradouro, teria sido o responsável pelo insuflamento dos xavantes no ataque às fazendas da região, há cerca de dez dias. A informação foi dada ontem em Brasília, em nota oficial, distribuída pela Funai. O engenheiro, que é funcionário da Funai, foi acusado pelos caciques Abraão, Gabriel e José, da reserva de Culuene, tam-

bém xavante. Tão logo o cacique João "Babatire", da aldeia Dom Bosco, soube das acusações, determinou que três líderes xavantes - Nicolau, Tibúrcio e Henrique - fossem até a ajudância da Funai, em Barra do Garças, e trouxessem Rubens Monteiro para colocá-lo sob a proteção dos índios. Afirmando que "Rubens é nosso professor e nosso enfermeiro", os três praticamente arrebataram o engenheiro da ajudância, levando-o para a aldeia. (FSP - 28/5/81)

CONTRADIÇÃO

Enquanto nota oficial da Funai informa que três chefes da aldeia Dom Bosco, Tibúrcio, Nicolau e Henrique, estiveram na ajudância de Barra do Garças para comunicar que os xavantes desistiram do ataque marcado para o dia 16, no Mato Grosso, o líder Henrique afirmou que a posição dos índios não mudou. "Ou a Funai cumpre nosso acordo, ou no próximo mês atacaremos as fazendas, destruindo tudo". Henrique disse ainda que seu tio "Babatire" não quis deixar a aldeia, "pois não quer saber mais de Funai". Acreditando que os índios realmente desistiram do ataque, o presidente da Funai declarou que a reivindicação dos índios é inconstitucional, pois por decreto governamental não se pode aumentar as reservas indígenas já demarcadas. (FSP - 28/5/81)

FUNAI AINDA NÃO CUMPRIU PROMETIDO A TXUCARRAMAE

O prazo dado pela Funai para demarcação de 15 hectares às margens do rio Xingu, com a finalidade de separar o Parque do Xingu das 25 fazendas que lá se encontram, encerra-se este mês e os Txucarramae - grupo mais atingido pelas fazendas - começam a se inquietar. O grupo espera o cumprimento da promessa feita em agosto do ano passado. A demarcação dos 15 hectares foi prometida pela Funai dias depois dos Txucarramae, um sub-grupo Caiapó, terem invadido a fazenda São Luís, matando 11 peões. Na ocasião, a Funai convenceu os índios sobre a demarcação de uma "faixa neutra" para que não houvesse mais ataques. O prazo final encerrou-se agora em junho e os Txucarramae reclamam que "nada foi feito". Não sabem até quando podem esperar pela Funai. Os índios estão preocupados porque neste mês começam os desmatamentos para plantio e é nesta época que os problemas ocorrem. (FSP - 1/6/81)

JOVENS CARARAO BUSCAM ESPOSAS

A Funai vai enviar na próxima semana uma expedição, para tentar contactar um grupo de jovens cararao, que desde o início do ano vem causando pânico entre as comunidades rurais nos municípios paraenses de Porto de Moz e Prainha. Esses indígenas, que devem ter entre 16 e 18 anos de idade, desligaram-se da tribo (que atualmente se encontra numa reserva no Vale do Xingu) no início da década de 70, quando a Transamazônica foi construída. A estrada provocou o desmantelamento da unidade tribal, deixando vários pequenos grupos perdidos na mata. (ESP - 29/5/81)

MOVIMENTOS POPULARES

UNIDOS, MORADORES DA PERIFERIA DE SP REIVINDICAM MAIS CENTROS DE SAÚDE

"O povo não é 'peteca' para ficar sendo jogado de lá para cá. A gente sabe muito bem que o governo faz isso porque não tem compromisso com o povo, não se preocupa com a saúde do povo". Isso foi dito ontem, em tom

veemente e agressivo, ao secretário da Saúde da Prefeitura de São Paulo, por Sandra Salomão, moradora do conjunto residencial da Cohab, em Guaianazes e membro da Associação Popular de Saúde. Ela fazia parte de uma comissão de sessenta moradores de vários bairros da região leste da Capital, que foi ao secretário reivindicar centros de saúde. (FSP - 28/5/81)

IGREJA

SITUAÇÃO NACIONAL PREOCUPA A IGREJA

O presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter declarou ontem que a Igreja está preocupada com o agravamento da conjuntura nacional. Disse ele que três áreas são motivo de preocupação: "O problema sócio-econômico, o problema institucional e o problema de segurança." A situação política do momento foi uma das pautas discutidas pela presidência da Conferência Nacional dos Bispos e pela Comissão Episcopal de Pastoral cujo encontro encerrou-se ontem em Brasília. (FSP - 29/5/81)

POLÍTICA NACIONAL

EM BELÉM, LULA DIZ QUE BOMBAS NÃO AMEDRONTAM

"As bombas não me amedrontam. O que me amedronta, mesmo, é a fome, o desemprego, que estão cada vez mais disseminados por todo esse País. As bombas não amedrontam, a meu ver, porque o povo já provou que está vivo, principalmente os trabalhadores. O que aconteceu no Riocentro, foi um acidente do trabalho e o IPM deles não vai dar em nada, porque não se solucionou nenhum dos outros atentados ocorridos até agora." A declaração é de Luís Inácio da Silva, o Lula, presidente nacional do PT, que chegou a Belém na madrugada de ontem e, em seguida, partiu de barco para Cametá, e depois para Baião, cidades próximas de Belém, onde passará o fim de semana. (FSP - 31/5/81)

OPOSIÇÕES REPUDIAM NOTA DO 1º EXÉRCITO

Líderes de todos os partidos oposicionistas condenaram ontem, em Brasília, o resumo de um informe divulgado anteontem pelo 1º Exército, no qual este adverte estar acompanhando "notícias revestidas de sensacionalismo" sobre as explosões no Riocentro e denuncia a existência de "elementos de esquerda infiltrados na imprensa" que estariam forjando versões sobre o episódio com o objetivo de "influenciar a opinião pública", conforme diz a nota militar. Inclusive um deputado do PDS, foi aplaudido pelos oposicionistas ao declarar, da tribuna da Câmara, que a Nação "começa a se impacientar ante a evidência de que o governo não está conseguindo conter a escalada do terrorismo". (FSP - 29/5/81)

DESEMPREGO LEVA 20 MIL AO PORTÃO DA LEOPOLDINA NO RIO DE JANEIRO

Ainda não eram 8 horas da manhã quando a massa humana concentrada nas imediações da estação da Leopoldina destruiu uma carrocinha de bebidas. O tumulto se explicava: parte dos 20 mil candidatos a empregos aguardava desde a noite de terça-feira a abertura do portão da velha gare. Eles buscavam o formulário de inscrição para pleitear as 352 vagas oferecidas pela Rede Ferroviária (salário básico de Cr\$ 14 mil, 20 mil e 23 mil). As vagas foram anunciadas através dos jornais e a expressão "admissão imediata" provocou verdadeira corrida de desempregados. (JB - 28/5/81)

AS OPOSIÇÕES A JOAQUINZÃO

Os metalúrgicos de São Paulo estão em plena campanha para a eleição que se realizará em seu sindicato no próximo mês de julho. A oposição metalúrgica de São Paulo apresentou duas chapas para concorrer nesta disputa contra Joaquim dos Santos Andrade, que foi o presidente do sindicato nos anos de repressão mais dura contra a classe operária e que, nesse período, foi sempre dócil aos interesses patronais e do governo. As duas chapas de oposição são a Chapa 2, Oposição Sindical Metalúrgica Santo Dias da Silva, cujo candidato a presidente é Waldemar Rossi, da Pastoral Operária, e a Chapa 3, União Metalúrgica, apoiada pelo jornal Tribuna da Luta Operária, e cujo candidato a presidente é o deputado-operário Aurélio Peres.

Movimento ouviu Waldemar Rossi e Aurélio Peres, na tentativa de esclarecer os pontos que tornaram inevitável a divisão da oposição metalúrgica. (José Carlos Ruy)

Movimento - A oposição metalúrgica apresenta duas chapas nesta eleição. Qual a razão da divisão? Ela é necessária, ou inevitável?

Aurélio Peres - Trata-se realmente de uma questão de fundo político, da forma de encarar a situação nacional hoje e a política sindical. Estes são os panos de fundo da divisão. Necessária, não diria que ela é, mas ela foi inevitável, pois se apresentaram duas correntes com visões totalmente diferentes.

Waldemar Rossi - Eu diria que a Oposição Sindical tem apenas uma chapa, a Chapa 2, que é o resultado de um conjunto de forças que há longos anos atuam no movimento sindical de São Paulo e que entenderam a importância de uma luta unificada contra o peleguismo e a exploração da classe operária. A outra chapa é uma espécie de dissidência caracterizada por uma única tendência política, e que portanto não pode ser considerada como a oposição. Por sua própria propaganda, ela está querendo se firmar enquanto um grupo. Acredito que a divisão se deu por interesses políticos, e não de classe. O processo de escolha da Chapa 2 foi o mais democrático possível, enquanto a outra chapa caracterizou-se pela indicação de seus componentes por um grupo de pessoas. Enquanto temos 10 companheiros eleitos em reuniões de fábrica, a outra chapa tem apenas um. Entendo que o racha tornou-se inevitável pela postura do grupo que se caracteriza como Tribuna da Luta Operária. De forma nenhuma ele era necessário, muito menos desejável. Envidamos todos os esforços para evitar a divisão, lutamos para que o pessoal da outra chapa se mantivesse associado ao conjunto da oposição. Infelizmente não conseguimos.

Movimento - Como a luta sindical deve, na sua opinião, combinar-se com a luta contra o regime militar?

Aurélio - Acho que o sindicato tem que travar sua luta econômica imediata, pois aí estão as questões que a categoria hoje mais sente, como o baixo salário e as más condições de trabalho. Ao mesmo tempo que o sindicato trava estas lutas, deve estar organizando e preparando a categoria para um embate maior. Na medida em que ele mobiliza e organiza, ele politiza a categoria, e essa politização é que dará o salto da luta econômica para a luta política. Hoje são questões importantes a organização da categoria, o fortalecimento do sindicato, a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), e essa organização é que dará as condições para o levantamento de lutas políticas cuja necessidade a categoria já começa a sentir, como luta contra a Lei de Segurança Nacional e as perseguições à classe operária, tanto dentro como fora da fábrica. Acho que é possível, nesta escalada, chegar até o ponto de deflagrar greves de protesto mais políticas. A luta sindical pode evoluir até chegar ao ponto mesmo de os sindicatos liderarem uma mobilização geral em defesa, por exemplo, de uma reformulação da Constituição.

Rossi - A verdadeira democracia existe quando os trabalhadores conquistam o espaço de sua organização independente, quando eles começam a exercer seu poder de decisão. E a primeira etapa na situação operária brasileira é exatamente a implantação de um sindicalismo independente. Ao fazer isso, ela já está confrontando com o próprio regime, uma vez que este regime de repressão existe em função dos interesses do capitalismo, e portanto contra os legítimos interesses da classe operária.

Movimento - O que é prioritário, em sua opinião: organizar comissões de fábrica, ou conquistar o delegado sindical?

Aurélio - As duas coisas são importantes, não existe o que vem primeiro e o que vem depois. Ambas devem ser levantadas, e é necessário lutar por elas. O delegado sindical pode ser criado pela lei ou ser fruto de um contrato coletivo. As comissões de fábrica não. Portanto, há condições para que as comissões de fábrica sejam montadas já, independente de sua legalização. Isso não quer dizer que não se deva lutar também pelo reconhecimento do delegado sindical, o que me parece mais fácil de conseguir através de negociação coletiva. Mas uma coisa parece certa: para que o delegado sindical tenha uma atuação eficiente dentro da fábrica, ele precisa da comissão. Nesse sentido, estou apresentando na Câmara Federal um substitutivo a um projeto de lei, onde ligo as duas coisas: a figura do delegado sindical intimamente ligada à comissão de fábrica.

Rossi - Se nós queremos construir um sindicalismo diferente do que existe, naturalmente as comissões de fábrica são prioritárias, porque elas significam a expressão dos trabalhadores organizados dentro da empresa. Elas são o resultado de um trabalho de aglutinação dos operários, conseqüentemente de um processo de discussão cujo resultado foi a escolha de seus representantes. Isto não exclui o delegado sindical, que deverá ser, na nossa visão, o representante das comissões de fábrica junto à organização mais ampla, portanto a nível de categoria. Devem ser os elementos que visem realmente estreitar o relacionamento entre os operários organizados nas diversas empresas. É este o mecanismo para se criar um sindicalismo independente e representativo. Não é o único, porém nos parece o mais democrático.

Movimento - Qual é sua posição a respeito da Unidade Sindical, da Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat) e do Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (Entoes)?

Aurélio - A Unidade Sindical me parece, como já disse acima, o caminho por onde deve trilhar o movimento sindical brasileiro. A classe operária repudia o divisionismo, e a Unidade Sindical é realmente uma bandeira que interessa a todos os trabalhadores. Por isso, ela deve ser levada para a grande massa. Ocorre que, da forma como a Unidade Sindical foi encaminhada até agora, ela se apresentou de maneira estreita e

sectária, como propriedade de algumas correntes políticas. A Unidade Sindical deve ser aberta a toda a categoria, e unificar não só as categorias mas também os sindicatos. A Conclat é um acontecimento interessante para a classe operária. Se neste país há liberdade para as Federações das Indústrias fazerem os seus congressos, porque não haverá de ser permitido que os trabalhadores também o façam? A Conclat joga um papel importante na unificação dos trabalhadores, e é um passo na formação da CUT. É necessário que os trabalhadores discutam os problemas nacionais, que troquem suas experiências, que opinem sobre os acontecimentos políticos e econômicos do país. É necessário observar também que a Conclat não pode ser monopólio de correntes políticas. Para que a Conclat renda aquilo que a classe trabalhadora dela espera, seria necessário que os delegados não fossem escolhidos a dedo por esta ou aquela corrente política, por este ou aquele dirigente sindical, mas que fossem fruto de um debate amplo e eleição livre a partir da base. Já o Entoes, em que pese a boa vontade dos companheiros - e que eu respeito - me parece uma proposta que não corresponde à realidade nacional hoje, porque ele divide o movimento sindical. No bojo do Entoes está a proposta do sindicalismo paralelo, daí porque ele tem dificuldade de penetrar e ter aceitação da classe operária e dos trabalhadores em geral.

Rossi - Infelizmente a expressão Unidade Sindical está servindo para dividir o movimento sindical. Apesar dos esforços de muitos companheiros que estão dentro desse movimento em fazer que a Unidade Sindical seja a expressão do movimento de base, na verdade este movimento vem se caracterizando pela postura assumida pelo peleguismo e seus aliados da reforma, cuja proposta básica tem sido impedir a mobilização dos trabalhadores. A proposta deste movimento, especialmente em São Paulo, tem sido a de se criar uma unidade de cúpulas, sem qualquer consulta às bases. Na prática, ele impede a organização dos trabalhadores pela base, impede a manifestação dos trabalhadores pelas formas mais elementares de consulta, basicamente as assembléias, e representam a prática de uma espécie de pacto social com o governo, cujo elemento principal é amaciar as relações entre explorados e exploradores. A Conclat deve ser fortalecida por todos os operários conscientes para que venha a ser a expressão da classe operária. Ela pode ser um espaço em um momento em que os trabalhadores manifestam as aspirações, e indicar caminhos possíveis para o movimento sindical brasileiro, mas só terá validade se for realmente a síntese dessa expressão operária de base. O Entoes foi uma primeira tentativa de aglutinação das diversas experiências sindicais que são contrárias à atual estrutura sindical. Como toda primeira experiência, foi marcado por alguns erros e alguns acertos, mas foi um passo importante para se permitir a essas forças a busca de uma caminhada para o movimento sindical independente. Ele não deve ser mais um movimento, e sim atuar dentro do movimento sindical brasileiro, buscando a sua unificação. É muito cedo para se fazer uma avaliação profunda dos resultados do Entoes, mas o seu desdobramento a médio prazo será positivo para o movimento sindical brasileiro.

(MOVIMENTO - 11 a 17/5/81)